

De CARLOS FELIPE MOISÉS

D. DINIS

Plantador de naus a haver.
Fernando Pessoa

Buscando entre as flores do verde pino,
a d. Dinis pouco lhe importa achar.
Sabe o que quer? O seu cantar d'amigo
não faz senão às flores perguntar:

Ai Deus, e u é?

Enquanto ronda os longes pinheirais,
o rei plantador de naus a haver
pergunta e sabe que é melhor jamais
encontrar que um dia vir a perder.

Ai Deus, e u é?

O mesmo grito rouco e sem idade
assombra o orbe todo, a indagar.
Não crê Vossa Alteza que é tempo já de
alguém lhe dizer que tal cousa não há?

Ai Deus, e u é?

Que deseja afinal a voz que indaga?
E saberá dizer se achado for?
Nada mudou: o bem co'o mal se paga,
mundo aqui temos falso e sem sabor.

Ai Deus, e u é?

Mundo sem mesura (acresce o jogral
Martim Moxa), não se corrigirá.
Onde grandeza? Onde amigo leal?
Que espera Vossa Alteza i de achar?

Ai Deus, e u é?

No mundo, el-Rei, a verdade minguiu,
já o disse Airas Nunes com pesar.
Quem a quis achar, consigo se achou
e se assim é escusa de a ir buscar.

Ai Deus, e u é?

E d. Dinis, a plantar naus nenhuma,
bem sabe que não chega a ser mentira
o que verdade não é. Assim, umas
naus, pra dizer isso ao mundo, partiram.

Ai Deus, e u é?

Mas outras, não. Aquelas naus plantadas
entre flores por fim apodreceram.
Hoje só resta uma voz apagada
a suplicar p'los que no mar morreram.

Ai Deus, e u é?

O mar, el-Rei, é pouco e as naus são tantas!
Como há de tanto sonho navegar?
Só nos cabe indagar, co'a Triste Infanta,
por que me não vou alhur esterrar?

Ai Deus, e u é?

El-Rei já sabe, alhur é mais além –
não poderia melhor mundo achar?
Melhor, pior... Mas pode achar também
que desde há muito desterrado está.

Ai Deus, e u é?

Ou pode achar que para sempre, alfim,
à própria alma foi que desterrou.
E hoje, a indagar no mar sem fim,
i busca perder o que não achou.

Ai Deus, e u é?

(In *Subsolo*)

A PAIXÃO SEGUNDO CAMÕES

Transforma-se o amador em coisa alguma,
sem dolo, sem virtude, sem razão.
Por muito amar, dispersa o coração
e rói daquilo que é a alma nenhuma.

As esperanças perde, uma a uma,
de decifrar o rosto da paixão.
Sem rumo, ilhado entre o sim e o não,
perde-se no amor de um mar sem espuma.

Transforma-se o amador em coisa errante,
atira ao vento um grito enrouquecido,
buscando encontrar-se na coisa amada.

A pele rota, o gesto vacilante,
transforma-se, de amar como um perdido,
em sombra de si mesmo, ausência, nada.

(In *Subsolo*)

CARPE DIEN

Vem sentar-te comigo, Lúdia, à beira do igarapé.
Esquece o frio rio do Reis e vem e traz
um dos teus guarda-chuvas cintilantes,
para te protegeres não das águas
mas do cavalo de sol que esbraveja
e espalha por toda a parte
esta parafernália de guizos ardentes.

O calor tropical te assusta?
Ah! o ardor de mil araras te bicará o peito,
Lúdia, com gumes de aço,
mas
nada que te fira ou arda mais que ficares
aí, a apascentar o frio e o silêncio,
pagã triste & com flores no regaço.

Já te vejo os cabelos emaranhados no cipoal
e aranhas no encalço do coração em chamas.
Teus sonhos explodem no ar
e um exército de formigas guerreiras
pulveriza em teus olhos a memória do rio-Mar.

Sei: não és senão paisagem com mulher e mar ao fundo.
Mas

agora
o sol alucinado galopa em tuas praias.
Vem, Lúdia, vem e esquece
as mãos que o diabo do Reis desenlaçou.
De que te serve a lembrança do que não foi?

Para que a hora não peque (afinal
não chegaste a enlaçar coisa alguma)
é preciso que o sol esbraseie a noite
que te encharca a alma
e a converta num só, um só dia de glória,
esse dia em cujo olho passeia, à tua espera

quem sabe à tua revelia
um dos fogosos pavões vermelhos
do baiano poeta Sisígenes.
Abandona de vez essas volucres, Lídia, rosas
e deixa-as fanar

não no regaço teu
mas no de quem as inventou para o abandono.
Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do igarapé,
como quem se senta rente ao precipício.
Mas vem depressa.

O dia,
o dia dos prodígios,
é só um dia e não tarde e virá (aí vem!)
cavalgando o dorso do solstício de dezembro.

(In *Subsolo*)

CORAÇÃO ENDURECIDO

*Porém meu coração endurecido
não duvidou mil vezes ser culpado.*

Marquesa de Alorna

Se eu pudesse dizer,
se eu pudesse deixar de perguntar
o que pode o amor
contra a fúria de amar,

se eu pudesse impedir
que a noite chegasse,
se este dia azul,
se minhas mãos pudessem:

do fundo do coração endurecido
talvez brotasse a palavra alada que dorme
em mim e voasse

liberta
para te dizer (se eu pudesse).

(In *Subsolo*)

NOITE CLARA

Na noite mais clara que o claro dia
um nome repito que ao longe ecoa:
Maria Clara, clara Maria,
o nome que ronda Lisboa.

Pela avenida da Liberdade
as luzes se acendem em romaria,
como em Cesário, como em teus olhos
livres, Maria Clara, clara Maria.

No vale escuro das muralhas
se esconde a flor que teu povo sonhara,
a flor que, como o teu nome, tem a mesma
luminosidade maria, Maria Clara.

Sombrasm bulício, o Tejo, a maresia?
Lisboa não se cansa, é uma criança
a escrever no ar, muito clara (luz
do teu nome) a palavra esperança.

(In Círculo imperfeito)

LIBERDADE

para Luís Amaro

Aqui sonhei a liberdade
saudade
cantei a cantiga
mendiga
bebi o clarão da lua
na rua
vi o mar cheio de medo
segredo
apascentar caravelas
estrelas
vi a noite azul de espanto
encanto
agasalhar Madragoa
Lisboa
e com dedos de fada
amada
plantar no vão do meu peito
desfeito
a rubra flor da liberdade
saudade.

(In Círculo imperfeito)

De JOÃO MIGUEL MOREIRA AUTO

EM PÉ PARADO

(a Álvaro de Campos)

Faz algum tempo que parei neste ponto de ônibus,
o veículo não chega e eu permaneço na espera.
O horizonte negro de chuva se me depara e cerca
e o silêncio é a trilha sonora dessa madrugada.

Alguma coisa deve acontecer daqui a pouco.

Paro,
risco um fósforo, acendo o cigarro, demoro.
Decoro um segundo inteiro que passa,
que se acaba quando outro começa
e depressa se transforma em pasta
na lembrança mesclada dos números idênticos.

O tempo amassa a memória num molho.
Há um olho esbagaçado em cada instante perdido.
Já não sei por que e se tenho vivido,
minha única segurança é a de estar só e aqui.

Olho no pulso o ponteiro do relógio,
lembro de Santos Dumont, o visionário
e tento deslocar meu eixo de visão e alçar o cosmos:
lá longe, a Terra como um ponteiro girando...
Que se me dá se as lonjuras estão lá?
Eu cá estou e tu também estás,
o chão não nos quer fugir,
pelo contrário, nos traga:
nós passaremos.
Quanto às imensidões,
plenas e vazias na sua universalidade filosófica,
elas restarão, sem dúvida,
como caldo diáfano de duro granito a resistir,
solução de água em água destilada,
que não apodrece nunca.

O horizonte permanece negro
e o ônibus não chegou ainda.
Com a breca!
Será que esse ônibus vem mesmo?
Mas o que há, afinal?
Olhando em torno, o que enxergo?
Nada além desse poste de luz,
dessa placa de ônibus mal pregada,
dessa calçada magra e sua sarjeta,
dessa estradinha de barro prolongando-se pela noite a dentro.
Nada além desse céu soturno que se estende e se estrangula acima,
dessa areia uniforme que se espalha em torno
e desse vento gelado que se perde além
e me lembra que ainda tenho ossos.

Coço a orelha, arrumo o cabelo,
torço pra não chover, que está frio.
Será que ainda demora essa chuva?
Talvez não, pois o tempo está escuro
e o vento me castiga a alma.
Essa demora, porém, me atormenta ao máximo
pois, esperando, só posso pensar na espera
e fico a contar os minutos que se somam
até perder a conta para começar de novo,
e já nem sei quantas vezes recomecei esse trabalho sem sentido,
e até esqueci que o houvera iniciado um dia
por isso recomecei do começo a contar
o tamanho dos números que se amontoam.
Por que, afinal, não chove ainda?
Por que não está chovendo agora?

Se o bonde chagasse,
se a chuva viesse,
se eu me ensopasse,
se pelo menos eu apanhasse uma doença...
Eu sofreria um pouco, é verdade,
entretanto, teria aprendido a doer
e o tempo deixaria alguma marca em mim.
Os meus castelos eram de areia,
os meus livros foram escritos n'água,
as colinas distantes da minha terra antiga
eram copas de árvores frondosas
e perderam a sua forma original,
as minhas colunas sustentaram os céus vazios
e o meu cãozinho também,
amigo e lamboso,
ele também foi só um desenho que fiz na sala de aula.
Até mesmo o futuro caprichoso
que, galante, charmoso, encantador,
preparou para cada um de nós
uma surpresa diferente,
até o futuro esqueceu de visitar a minha casa.

Os ponteiros giram no relógio
como uma roda de bicicleta que,
deslocada pela ação de um pedal possante
girasse no ar vazio e sempre, sem tocar o chão
e quase sinto estranhamente Deus
a ler o livro de minha vida
por cima de meu ombro esquerdo.

Eu quis voltar do exílio sem sair de casa
e quando quis pular da janela
achei-me em pleno deserto.
Eu gostaria de poder ter sido
sempre de todos o corno mais vil
(mas não achei compromisso).
E quando quis cabar-me
de ser o cão mais sujo e miserável
na minha solidão absurda,
então foi que as mulheres formosas me escolheram
e erraram.
Cavei uma cova pra enterrar o que caguei
mas o chão se fechou como as águas de um lago,
vomitou o que pus no buraco
e agora estou nele em pé.

Não sei se ainda o coletivo chega,
não sei se cairá a chuva.
Mas por que diabos tenho eu
de ficar em pé parado
esperando por um ônibus
que não existe ainda
durante um tempo que não passa nunca?

Eu sou apenas um personagem perdido
no canto de um rascunho esboçado.
Meu criador esqueceu-se de mim,
a minha história ficou por acontecer,
Deus me confundiu com um vira-lata velho,
eu sou um engano da burocracia dos céus.
A minha vida é uma anedota comprida
mas esqueceram o final e eu perdi a graça,
não querem acabar de contar minha piada,
eu não sou nem português e ainda passo por isso.

Como continuar numa noite tão opaca?
Como seguir num caminho tão sem rumo?
Como morrer de uma vida mortiça?
Eu sou uma esfera que não encontra apoio,
uma sombra projetada em céu noturno,
estou preso num lago sem ondas.
Volte a ler esse poema do começo.
Quem sabe se da próxima vez
a minha história melhora?

Acho que meu caso não tem solução.

(*Agonia*. Inédito)

CHUVA...

(a *Alberto Caeiro*)

Chove...

e, quando chove, digo-o em português
para que não haja sujeito,
pra dissolver o mundo em puro movimento,
para que um instante cole no instante seguinte
e o tempo seja tudo-e-nada absoluto.

Chove...

e quando chove é em português que o digo
porque não é certo dizer que a natureza chove.
Quero molhar minh'alma nessa chuva,
quero banhar-me pra esquecer que estou vivo
e assim viver eternamente e pleno.
Olho a garoa indefinida que enche o mundo
e quase sinto sua carícia de cócegas
arrepando de frio a erva daninha
e umedecendo as mucosidades da terra.

Chove...

E, quando chove, digo isso em minha língua
porque a chuva é mãe que oferece o colo.
Quero nutrir-me de teu leite claro,
ó chuva longa, parada, serena...
Tu que não falas nada
na continuidade homogênea de teu ruído
e ainda abafa em ti o som de todo pensamento,
tu que não ouves e ainda assim respondes
pois o silêncio é a única resposta verdadeira
para a pergunta que não se formula nunca
mas apenas espera por seu complemento,
- tu, chuva, és a minha cama sonhada,
lago de entusiasmo e leite,
meus rios desaguando cegos,
o caldo original da vida
que semeou os oceanos salgados
cheios de teu choro quente.

A chuva é a única que chove,
ou, mesmo,
nem isso é o que se dá realmente
pois cada gota chove por si mesma
e é por si mesma chovida
sem que a chuva ocorra ocorrendo embora;
e como sou o mundo quando o sinto
não é a chuva quem chove, mas chovo.
Quero chover dentro da casca de um ovo
em novo português que nasce morto.

(*Agonia*. Inédito)

Est. Port. Afric., Campinas, (33-34):161-165, Jan./Dez. 1999

De MARIA HELENA NERY GARCEZ

AVISO AOS NAVEGANTES

Não tenho heterônimos.

Descansem.

A unidade é um bem

e uma conquista.

(in *Telhado de Vidro*)

ESCOLHOS DA NAVEGAÇÃO

I

Ó Mãe das estrelas!
Ó Luz dos navegantes!
Ó Stella maris!
Ora pro nobis!

II

‘Stamos em pleno mar!
E não vejo nenhuma douda borboleta.
Ouvi dizer que Deus é um grande farol
e acredito.
Mas a tempestade agora é negra, o vento rijo,
e cordas de água fazem tombar a cortina do espetáculo.
(Meus olhos estão se afogando)
Agarre-se ao mastro, vamos!
Agarre-se que puder se agarrar!
Deus é sempre para todos
e,
na tempestade,
cada um é para si.
Ainda ouvi dizer que Deus é um grande mastro,
que não se quebra,
mas,
que muitas vezes,
se encontra fincado bem no centro do vendaval.
Lá vai a nau Catarineta,
que tem muito o que contar!
‘Stamos em pleno mar, senhores,
e esta história é de lascar!
Desvairadamente é sacudida a batuta do maestro
e, cada vez mais,
agarro-me a ela com não menos desvario.
A ventania que faz!
E nem mesmo posso pensar que o maestro é doido,

porque o não é.
A nau, que é pernetá, tem muito o que contar.
Alvíssaras, meu capitão, que alvíssaras, me vais dar?
Vês que não largo do mastro,
enquanto força me restar?
O mundo está despencando aos barrancos,
não dá mesmo pra morrer encostado.
Os vagalhões nos conduzem dos Hades aos Andes!
Cuidado com a roupa no chão!
Que não se pode pisar!
Onde está meu vestido de festa?
Há uma noiva que se vai casar!

III

Como conheço os caminhos do meu mar!
Corredores imensos,
escaninhos.
Alenta-me pensar
que nenhum gesto de amor é inútil,
nem mesmo o de embalsamar o corpo
que é para a sepultura.
Em rostos que me cercam,
quão difícil é campear os vestígios da inocência!
Onde a criança que foram?
Filosofia, Letras e Ciências Deshumanas!
Imenso painel de Bosch...
Seus afrescos são a arte do Cujo.
São sujos.

IV

Ó Senhora da bonança!
Ó Mãe da calma-ria!
Stella matutina, ora pro nobis!

(in *Telhado de Vidro*)

PROGRAMA

Atravessamos o Tejo à noite,
à luz das estrelas.
A torrinha de Belém, ao longe,
enluarada.
Ou então,
ouçamos fados, bebericando vinho,
na Alfama.
Tens toda a pinta de gostar de petiscos.

(in *Telhado de Vidro*)

MEMÓRIA

Já é passado um ano, meu pai.
A mãe continua cá, do jeito de sempre.
Melhor, talvez.
Hoje disse “A Vila de Itaboraí” de cor.
Quando te lembro, às vezes digo:
“Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente”
Perdoa-me, pai, o ser tão literária.

De MARIA LÚCIA DAL FARRA

GATOS

*À memória de Matias
(de Ângela e Carlos de Oliveira)*

Gatos têm o andar etéreo
da hera sobre a pedra.
De pássaros os olhos.
Feitos para a sombra
(para o sono)
arranham a calva da lua
quando o tempo faz cio.
Desde o primeiro miado
antigos,
enrolam-se na lembrança
do anel antepassado;
depois
(egípcios)
estiram em esfinge o corpo –
de asas e pensamentos.

Teimosos
(no entanto)
ainda cavam a terra
a invocar a voz dos fósseis.

(in Livro de Auras)

SONETO ENCLAUSURADO

A Sórora Violante do Céu

Se deu-me Amor a dor e tal sufoco,
do fino cravo a história e a vida breve,
secou a flor e a mim mantém-me em febre
sem fim que me sustenha por suposto.

Detém-me o passo, obscurece o rosto
desta que teve (em tempos) olhar leve!
De tudo que irradia a alma despede
pairando na vigília do sol posto.

O que me espreita? Só ranço e desgosto!
Fechada nesta cela que a luz despe,
a voz confusa, o sentimento tonto,

fixo a memória que não desvanece,
percorro o dom inebriado e solto
que (mesmo morto) ainda não falece.

(in Livro de Auras)

SOLIDÃO

A Florbela Espanca

A solidão tem muitos corredores,
palavras de pronúncia difícil,
paredes ásperas –
ladrilhos escorregadios como um til.
É uma velha casa caiada
(repleta de ecos)
onde o corpo da memória se molda
na acústica das alas que se espraíam para os pátios
parados em lugar nenhum.
Sem quintal, sem aldrabas,
sem limiar, sem nome –
só os cantos aconchegam seus ângulos para a música
que me faculta a angústia.
Aqui cada gaveta está atenta.
Tira-se dela um metal
ou uma renda esgarçada –
o peso dum carta
a teia dum carinho.
A solidão é um fole,
uma boca vazia.
A rota do porão.

(in *Livro de Auras*)

POESIA

A Luís Amaro

A ilha
(com a densidade do mar
palpável nas entranhas rochosas)
limita as águas e vigia as bordas.
Essa palavra se sustenta sozinha:
quer apenas o volume
e a jurisdição do seu espaço.

Soma de trilhas,
de peixes de sílabas lisas,
tem também o verbo que a exila
mas que a liga (perene) ao continente.

Ela isca o sentido
e
(poetisa)
fisca apenas o que registra.

(in *Livro de Auras*)

De SÉRGIO ALCIDES

... de passarem aviões

*fiquei olhando
as sombras não, mas a memória delas*
J. de Sena

À sombra deste avião, contemplando

o instante que passou vazio
e não está nem aí;

onde era véu e é só calçada enrugada,
nua, que não quer nem saber;

o ex-barulho e a algaravia familiar
das aves não, mas dos demais pastores

de aflição, na festa, no baile;

o nenhum vestígio, a seque suspeita,
o susto algum, o inexistido
daquilo que – eu sei – existiu;

e o bem que fez, puxa vida!

(In *O Ar das Cidades*. Inédito.)

Acordar na fonte

Não era de vidro
o olho que acendeu já vidrado

à revoada dos pombos
na praça da poeira desassossegada,

à passagem das saias de verão
na manhã que deslizava muito desatenta.

Jogos d'água.
Fingimos, imitamos a estátua, que finge.

Agarrei este nada? Nem isto,
Só o visco do sonho em que

(desperto)

não sonhei nem fui sonhado.

(In *O Ar das Cidades*. Inédito.)

Vou ao parque

Se ligarem, não estou.
Se morrerem, me procurem
com os leões.

O primeiro agarra sua presa
congelado em flash aberto,
mordendo, querendo fundir-se.

O outro ameaça uma ameaça;
mas tem a couraça de bronze
acorrentada ao pedestal.

No lugar do urro, vôo de pomba,
no lugar do pêlo, pátina, e da pata,
uma garra de remorso.

(In *O Ar das Cidades*. Inédito.)